



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

**Você tem direito de:**

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

## Carta dos editores

O presente número de *Meridiano 47 – Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais* traz um painel instigante de análises sobre o momento internacional.

Alcides Costa Vaz nos oferece um balanço dos dez (primeiros?) anos do Mercosul, em uma análise que procura resgatar os objetivos iniciais do projeto de integração sul-americana para avaliar os seus resultados concretos. As demandas do aparelho de Estado brasileiro na área das negociações comerciais é o tema do artigo de Carlos Pio, ao que se soma, em uma perspectiva diferente, o artigo de Carlos Eduardo Vidigal sobre a contemporaneidade dos acordos comerciais. No presente número, dá-se também seqüência às análises sobre a política exterior do EUA sob a nova administração republicana – tema de Cristina Soreanu Pecequilo –, e sobre a região do Sudeste Asiático, que tem sido tratada neste boletim por Paulo Antônio Pereira Pinto. A edição de fevereiro-março se encerra com o inquietante artigo de Virgílio Caixeta Arraes sobre o novo papel reservado para o Estado nas relações internacionais contemporâneas.

MERIDIANO  
47  
Z

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de  
Conjuntura em Relações  
Internacionais

Nºs 10-11-12  
Abril-Maio-Junho – 2001



INSTITUTO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Relações Internacionais e  
política externa do Brasil:  
uma perspectiva histórica  
*Paulo Roberto de Almeida*

A fundação das Repúblicas  
na China e o fator de  
instabilidade no Sudeste  
Asiático  
*Paulo Antônio Pereira Pinto*

As mudanças em curso na  
política externa norte-  
americana: *O caso do  
Iraqe*  
*Cristina Soreanu Pecequilo*

O novo é o velho: o  
conservadorismo como  
força política na Itália  
*Virgílio Caixeta Arraes*

Mercosul: Um réquiem  
fora de hora e de lugar  
*Marcos Costa Lima*

El coro de la antipolítica  
*Edgardo Mocca*

Direitos Humanos e  
Relações Internacionais  
*Valerio de Oliveira Mazzuoli*

## O novo é o velho: o conservadorismo como força política na Itália

Virgílio Caixeta Arraes \*

Alguns anos depois do fim da Guerra Fria, houve a volta da esquerda “renovada” ao cenário político na Europa. Presumidamente mais maduros e mais moderados, seus defensores propunham como prática política a adoção combinada de valores capitalistas e socialistas, em uma mixórdia alcunhada de *Terceira Via*, que variaria de país a país em seu grau de combinação, tendo sido estruturada ideologicamente no novo trabalhismo britânico, de Tony Blair.

Logo, haveria no poder uma onda dessa nova vertente, que passaria pelas principais nações européias: Grã-Bretanha, Alemanha, França e Itália. Contudo, a estupefação logo abarcaria os eleitores europeus. Ao conquistar ou retomar o poder, a nova esquerda européia mostrou-se de um pragmatismo, que beirou a esterilidade e o cinismo, ao não propor novas intervenções na prática política, em face de tantos problemas acentuados na esfera social, no pós-Guerra Fria. Questões como imigração, desemprego, demografia, meio ambiente, política econômica etc foram tratadas de modo quase similar aos dos governos anteriores, de cunho conservador, demonstrando a falibilidade prática e teórica dessa nova vertente de esquerda.

Ante isso, o eleitorado inclina-se para a volta da velha direita, que seria mais legítima, à medida que não mascararia suas práticas com o “algo novo”. Assim, a decepção instala-se, gerando um caráter de apatia, com a diminuição da participação da população

no processo político e com a aceitação de velhas práticas, permitindo maior tolerância a posturas políticas outrora consideradas rançosas e ultrajantes. Nessa semana, o eleitorado italiano estará prestes a ratificar estas velhas posturas.

Em fevereiro deste ano, Silvio Berlusconi, ex-Primeiro Ministro italiano, declarou à imprensa espanhola, após visitar o Primeiro-Ministro Jose Maria

Aznar, que preferia vender suas propriedades e afastar-se de sua intensa vida empresarial a renunciar à política. Se assim o fizesse, não haveria a possibilidade de choque de interesses entre o homem público e o homem de mercado. Messiânico, Berlusconi afirmou que seu objetivo era o de salvar seu país, dado que, segundo suas palavras, ele seria o melhor estadista da Europa e do mundo. Sua postura é reflexo do sucesso eleitoral dos partidos que compõem a sua

aliança, a Casa das Liberdades. Estes, na eleição de maio do ano passado, obtiveram os governos regionais do Norte e mais alguns no Sul.

Silvio Berlusconi é uma personagem singular da recente história italiana. É o mais rico da Itália e, segundo a revista norte-americana *Forbes*, o décimo segundo do mundo, com um patrimônio pessoal em torno de treze bilhões de dólares. Sua atividade empresarial, iniciada como construtor, em 1977, é a segunda maior do seu país, perdendo apenas para a Fiat da família Agnelli, e abrange, por exemplo, desde o grupo Fininvest, que controla três estações televisivas

*“O sucesso da direita italiana, encabeçada hoje pelo maior empresário do país, é reforçado pela ausência de um projeto estável por parte de seus opositores, a coligação Oliveira, que esteve durante algum tempo no poder central”.*

\* Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (REL-UnB) e editor-adjunto de *RelNet – Site Brasileiro de Referência em Relações Internacionais*.

– com sessenta por cento das verbas publicitárias do país –, passando pelo clube de futebol Milan, até a maior editora do país, a Mandadori. Transita ainda pelo setor telefônico e da internet. Além de polêmico, populista: em suas redes de TV, por exemplo, ele introduziu apresentações de *striptease*, programas de perguntas e respostas e novelas norte-americanas, de gosto duvidoso.

Ao ingressar na política, em 1993, levaria, para esse novo campo, seu estilo e suas características inconfundíveis. Fundou um partido político, a Força Itália, de direita, e chegaria ao cargo de primeiro-ministro em 1994, porém permanecendo apenas sete meses, em função de o partido da Liga Norte ter-lhe retirado o apoio, entre outros motivos, por causa de divergências sobre a reforma previdenciária.

Na época, poucos analistas políticos acreditavam que a Itália seria capaz de atender a todas condições para adotar o euro – atingiria isto apenas em 1998. Se havia dúvidas na parte econômica, havia-as também na política, a ponto de ter surgido dois anos antes a famosa Operação Mãos Limpas. Entre 1992 e 1997, cinqüenta e cinco mil pessoas foram investigadas, resultando que quinze mil delas seriam processadas judicialmente. Ela atingiria, inclusive, políticos ilustres de todas as vertentes ideológicas, como os ex-primeiro-ministros Giulio Andreotti e Bettino Craxi. Esta investigação ainda continua, porém, sem a mesma força e impacto, devido à morosidade do andamento dos processos, o que resultou em apatia para parte da população.

O sucesso da direita italiana, encabeçada hoje pelo maior empresário do país, é reforçado pela ausência de um projeto estável por parte de seus opositores, a coligação Oliveira, que esteve durante algum tempo no poder central. As dificuldades se iniciaram na própria formação da composição: enquanto a direita unificou-se, a centro-esquerda, encabeçada por Francesco Rutelli, ex-Prefeito de Roma, não conseguiu atrair os neocomunistas e, deste modo, formar uma frente antifascista.

O motivo da ausência de composição, para os neocomunistas, decorre da existência meramente de

grau de intensidade entre o ideário de Berlusconi e de Rutelli: ambos defendem mais liberalização da economia e cortes de impostos. Rutelli tem mais dificuldades no quadro eleitoral, à medida que sua coligação está no poder há quatro anos e mostrou-se bastante instável: quatro governos, com três primeiros-ministros.

Não apenas por dificuldades da centro-esquerda, mas também porque, sete anos depois, como no resto da Europa Ocidental, as eleições italianas não despertam tantas paixões ideológicas como nos anos anteriores. Diferentemente dos anos 70, por exemplo, em que cerca de setenta mil pessoas foram incriminadas por ligações com o terrorismo político e dos anos 80, em que ainda seis mil estariam envolvidos com esse tipo de atividade.

Do ponto de vista pessoal, Berlusconi, hoje, é refutado e, conseqüentemente, incomodado do exterior: o Juiz espanhol Baltazar Garzon, outrora algoz do ex-ditador chileno General Augusto Pinochet, solicitou permissão do Parlamento europeu para processá-lo por corrupção no setor televisivo.

Por outro lado, pode-se argumentar que respingam em Berlusconi os efeitos da Operação Mãos Limpas: responde em torno de dez processos, com condenações, em primeiras instâncias, por falsificação de balanço, corrupção e financiamento eleitoral ilícito. O único processo a ir até a fase final não lhe custou a perda de liberdade, porque, em face da demora, o Judiciário considerou o crime prescrito. Desta forma, o empresário pode-se apresentar à população como vítima de perseguições impostas por jornalistas e procuradores de esquerda.

Mais experiente, Berlusconi tenta retornar à chefia do governo, do qual foi defenestrado em 1994, apenas após sete meses à sua frente. O empresário tem ido a locais públicos e feito palestras sempre com seu plano de governo às mãos, que contém a síntese de seu pensamento – *A Itália que tenho em mente*. Além de um plano governamental, o empresário editou uma fotobiografia, que abrange toda sua vida e seria distribuída gratuitamente, com, presumidamente, a maior tiragem já vista na Itália:

doze milhões de exemplares, segundo o *Corriere della Sera*, o triplo da Bíblia, que é, anualmente, o livro mais vendido no país.

Embora o número real de exemplares não tenha sido divulgado, ele já fazia parte do *kit* de campanha entre seus simpatizantes. A publicação foi ironizada pela esquerda, que sentiu os efeitos e, desta forma, também publicou um balanço de cinco anos de gestão, em que procurou realçar os bons resultados da economia italiana.

Para retornar ao poder, seu arco de alianças foi o mais vasto possível: uniu todas as correntes conservadoras do país. De regionalistas, como a Chama Tricolor, da Sicília, e a Liga Norte, passando por neofascistas, Aliança Nacional, até dissidentes democratas-cristãos. Tudo em nome do anticomunismo. Esta coligação, em sendo vitoriosa, terá novas visões sobre questões ligadas à imigração e às minorias. Provavelmente, haverá a regionalização das políticas imigratórias, que seria regida por cotas locais, e abrangeria imigrantes com contratos prévios de trabalho. Esta descentralização administrativa pode ser estendida para outras esferas públicas.

A visão de mundo da aliança é liberal e, naturalmente, populista. Berlusconi, por exemplo, ao falar do Judiciário, o qual é constantemente desancado por ele, propõe simplificar leis civis e penais, para desafogar a rede processual. Na área econômica, a mesma forma: propugna por reduzir impostos, o que, de moto próprio, revigoraria a economia. A Casa das Liberdades advoga ainda medidas relativas ao combate do crescente trabalho informal, de maior estímulo ao ensino privado, apoio à instituição familiar tradicional e obras vultosas.

Berlusconi vai mais além ainda ao propor um aumento das aposentadorias, que hoje consomem cerca de 30% do orçamento. Curiosamente, desde

sua saída do poder, a questão previdenciária ainda não foi solucionada e é um dos maiores desafios políticos no país.

Diante do populismo e das suspeitas de conflitos de interesse, que poderão advir com a vitória da frente de Berlusconi, o Ministro das Relações Exteriores da Bélgica, Louis Michel, sugeriu que a União Européia adotasse sanções contra a Itália. Diante disso, o Presidente da Comissão Européia, o ex-Primeiro Ministro italiano Romano Prodi, pontificou que sanções só devem ser aplicadas *a posteriori*, ou seja, se o governo de Berlusconi comportar-se de modo oposto ao ideário da comunidade.

Michel, desatento da história recente do continente, esqueceu-se de que a União Européia teve de voltar atrás em relação à Áustria, que sofreu sanções *a priori*, em razão da presença do Partido da Liberdade, de extrema-direita, no governo. Tal gesto contribuiu para um sentimento antieuropeu no pequeno país, gerando o efeito diverso do esperado pela União Européia.

Ainda que forte na composição de sua ampla aliança eleitoral, após ser eleito primeiro-ministro, Berlusconi pode ter, novamente, o mesmo destino de antes, se não conseguir um modo de conciliar as divergências existentes entre seus apoiadores. Uma parte das forças, embora conservadoras, defende um Estado forte, o que se chocaria com as propostas neoliberais de outros ligados ao empresário. Some-se a isso, a disputa por uma maior autonomia das regiões, notadamente do Norte. Destarte, ainda que involuntariamente, a coligação Casa das Liberdades pode proporcionar, em um curto período, a separação de forças conservadoras, sem que haja, todavia, o surgimento de forças reais políticas alternativas, permanecendo o quadro político italiano inserido em um marasmo de difícil solução.

